

## 1

## O Mundo Primitivo

*Antigo anseio nómada violento,  
Cansado p'la cadeia do costume,  
Mas que irrompe do sono nevoento  
E desperta selvagem no seu lume*

Buck não lia os jornais, pois de contrário saberia que fermentavam ameaças, não só para ele, mas para qualquer cão das terras baixas da costa, com músculos fortes e longa pelagem quente, que se encontrasse entre Puget Sound e San Diego. Porque os homens, tacteando nas trevas árticas, tinham descoberto um metal amarelo, e porque as companhias de transportes e de carreiras de navios a vapor anunciavam essa descoberta, fazendo com que milhares de homens acudissem às Terras do Norte. Estes homens precisavam de cães, e os cães de que precisavam teriam de ser grandes, com músculos robustos para o trabalho e pelagens abundantes que os protegessem do gelo.

Buck vivia numa casa grande no Vale de Santa Clara banhado pelo sol. O lugar era conhecido pelo nome de terras do Juiz Miller. Ficava recuado em relação à estrada, semi-

-escondido entre as árvores, embora desta se pudessem vislumbrar alguns trechos da grande e fresca varanda que corria ao longo das quatro paredes da casa. A esta chegava-se por caminhos arenosos traçados entre extensos prados de relva e à sombra de ramos entrelaçados de altas faias. Nas traseiras as construções eram ainda de maior envergadura do que na frente da entrada. Havia grandes estábulos, onde trabalhavam uma dúzia de moços de estrebaria e outros servidores, casas rústicas para os criados cobertas de trepadeiras, e um sem fim de estufas ordenadamente dispostas, longas áleas sob latadas, pastagens verdes, pomares e sebes de amoras. Havia ainda a bomba do poço artesiano, e o grande tanque de cimento onde os filhos do Juiz Miller davam um mergulho matinal e se refrescavam do calor da tarde.

E Buck reinava sobre todo este grande domínio. Nascera aqui e aqui vivera os quatro anos que contava de vida. Era verdade que existiam outros cães. Não podiam deixar de existir outros cães numa propriedade tão grande, mas esses outros não contavam. Iam e vinham, moravam em canis apinhados, ou viviam obscuramente nos recônditos da casa como o Toots, com o seu focinho amarrotado de cão japonês, ou a Ysabel, a cadela sem pêlo mexicana — estranhas criaturas que raramente apareciam cá fora ou pisavam chão de terra. Por outro lado, havia os *fox terriers*, que seriam pelo menos uns vinte, que ladravam avisos de ameaça na direcção de Toots e Ysabel que os espreitavam das janelas, protegidos por uma legião de criadas de dentro armadas com os seus espaldadores e vassouras.

Mas Buck não era um cão de casa nem de canil. Todo o reino lhe pertencia. Mergulhava no tanque de banhos ou ia à caça com os filhos do Juiz; escoltava Mollie e Alice, as suas filhas, nos seus longos passeios ao entardecer ou ao amanhecer; nas noites de Inverno deitava-se aos pés do Juiz diante da lareira crepitante da biblioteca; carregava às costas

## O Apelo da Floresta

9

os netos do Juiz ou rebolava-se com eles na relva, e servia-lhes de guarda quando empreendiam as suas intrépidas aventuras até à fonte no pátio dos estábulos, e mesmo para além do pátio, para o lado das cercas e das sebes de amoras. Passava como um grande senhor pelos *terriers*, e ignorava ostensivamente Toots e Ysabel, porque era ele o rei — e reinava nas terras do Juiz Miller acima de todos os seres que rastejavam e voavam ou se arrastavam no solo, incluindo os próprios seres humanos.

O seu pai, Elmo, um enorme São Bernardo, fora o companheiro inseparável do Juiz, e Buck esforçava-se por seguir o mesmo caminho que o seu pai. Não era tão grande como ele — não pesava mais de cento e quarenta libras — uma vez que a sua mãe, Shep, era uma pastora escocesa. Todavia, cento e quarenta libras, às quais se acrescentava a dignidade que decorre de uma vida boa e do respeito universal, permitiam-lhe que assumisse devidamente a sua condição de rei. Durante os quatro anos que tinham passado desde os seus tempos de cachorro vivera a vida de um aristocrata farto; tinha um belo orgulho em si próprio, e um temperamento egoísta, como acontece que se tornem os senhores que vivem nas suas terras devido ao seu isolamento. Mas evitara tornar-se um cão de luxo doméstico amolecido, porque a caça e os prazeres da vida ao ar livre o tinham impedido de engordar e lhe tinham robustecido os músculos, e porque para ele, como para todos os seres que gostam do refrigério dos banhos, o amor da água fora um tónico e um factor de preservação da saúde.

E era assim que vivia o cão Buck quando, no Outono de 1897, a descoberta das minas de Klondike fez com que uma multidão de homens vindos de todas as partes do mundo se precipitasse nas terras geladas do Norte. Mas Buck não lia os jornais, e não sabia que Manuel, um dos ajudantes de jardineiro, era uma relação indesejável. Manuel tinha um vício compulsivo. Era um amante da lotaria chinesa. E, no jogo,

uma fraqueza compulsiva — a fé num sistema. O que tornava fatal a sua maldição. Porque para se jogar segundo um sistema, é necessário ter dinheiro, e o seu soldo de ajudante de jardineiro não chegava para cobrir as necessidades de uma mulher e de uma prole numerosa.

O Juiz fora a uma reunião da Associação de Viticultores, e os rapazes entregavam-se à organização de um clube de atletismo, na memorável noite da traição de Manuel. Ninguém o viu sair pelo pomar levando Buck, que pensou estar a ir simplesmente dar um passeio. E à excepção de um homem solitário, ninguém os viu chegar ao pequeno apeadeiro que dava pelo nome de College Park. O homem falou com Manuel e ouviu-se entre as mãos de um e de outro um tilintar de moedas.

— Bem podias embrulhar as encomendas antes de as entregares — disse o estranho com uma voz áspera, e Manuel atou uma corda grossa à volta do pescoço de Buck abaixo da coleira.

— Torce-a, e aperta-a com força — disse Manuel, e o estranho grunhiu uma resposta afirmativa.

Buck aceitara a corda com uma dignidade tranquila. Era, sem dúvida, uma situação insólita, mas ele aprendera a confiar nos homens que conhecia e a creditá-los de uma sabedoria superior à sua própria. Mas quando a ponta da corda passara para as mãos do estranho, rosnara ameaçadoramente. Limitava-se assim a manifestar o seu desagrado, persuadido no seu orgulho de que bastava manifestá-lo para que fosse removida a causa que o suscitava. Mas para sua surpresa a corda crispou-se à volta da sua garganta, prendendo-lhe a respiração. Tomado de um súbito furor quis atirar-se ao homem, que o interceptou a meio do salto, agarrando-o com força pela garganta e, com um movimento brusco, fazendo-o cair de costas. Logo a seguir a corda apertou-se sem piedade, enquanto Buck se debatia furioso, com a língua de fora e o po-

deroso peito a arquejar inutilmente. Nunca em toda a sua vida fora tão vilmente tratado e nunca em toda a sua vida se sentira tão enfurecido. Mas as suas forças esvaíam-se, os olhos toldaram-se-lhe, e não deu fosse pelo que fosse quando o comboio se aproximou e os dois homens o atiraram para um vagão de carga.

A primeira coisa de que a seguir se deu conta foi de ter a língua dorida e de estar dentro de qualquer coisa que se movia e o levava. O silvo rouco de uma locomotiva, apitando numa passagem de nível, comunicou-lhe onde se encontrava. Viajara demasiadas vezes com o Juiz para não reconhecer a sensação de estar a bordo de um vagão de carga. Abriu os olhos e neles brilhou o furor incontido de um rei sequestrado. O homem quis agarrá-lo pelo pescoço, mas Buck foi mais rápido. Cravou-lhe os dentes na mão e não a soltou antes de o terem feito perder de novo os sentidos.

— Não está bom dos nervos, este — disse o homem, escondendo a mão rasgada do guarda, cuja atenção o ruído do combate atraía. — Vou a San Francisco levá-lo ao dono. Um grande veterinário de lá acha que é capaz de o curar.

O homem daria mais plenamente conta da viagem nocturna um pouco mais tarde, a coberto do pequeno telheiro das traseiras de um bar da zona portuária de San Francisco.

— Não me pagam mais de cinquenta pelo serviço — resmungou ele —, e nem por mil bem contados eu voltava a meter-me noutra assim.

Tinha a mão embrulhada num lenço ensanguentado e as calças rasgadas na perna esquerda, do tornozelo ao joelho.

— Quanto é que o outro tipo recebeu? — perguntou o patrão do bar.

— Cem — foi a resposta. — Nem um cêntimo menos, palavra.

— Faz cento e cinquenta — calculou o patrão —, e vale-os bem, ou sou eu que não sei fazer contas.